

Ênfase econômica ameaça política indigenista

ESP 12-12-76
ELIANA LUCENA
Da Sucursal de
BRASILIA

Afinal, até que ponto são realmente profundas as divergências do presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira com o ministro do Interior, Rangel Reis, e alguns de seus assessores diretos, partidários de uma rápida integração do índio na sociedade nacional? Esta semana, a questão veio à tona, ao final de uma reunião de três dias que a Funai manteve com técnicos em planejamento do Ministério do Interior, na qual foi firmada uma nova orientação para a política indigenista, voltando-a a realização de projetos econômicos e de desenvolvimento sócio-econômico junto às tribos.

Em meio a uma aparente crise interna, onde a figura do economista Francélio van der Broocke, diretor do Departamento Geral de Operações (DGO), surgiu como uma espécie de poder paralelo ao do general, exatamente por defender o rápido engajamento do índio na sociedade nacional, com a realização de projetos econômicos nas aldeias, o general Ismarth anunciou as novas diretrizes que foram analisadas durante o encontro.

Embora nenhum indigenista ou antropólogo discorda de que alguns grupos indígenas já estejam aptos a observar projetos de desenvolvimento sócio-econômicos, a preocupação com projetos puramente econômicos, agora anunciados pela Funai, parece um retrocesso em toda a bem intencionada política indigenista até agora defendida pelo seu presidente e alguns de seus principais assessores.

Afinal, não foi ele mesmo quem anunciou, há poucos meses, o fim dos criticados projetos econômicos a cargo do Departamento Geral do Patrimônio Indígena (DGEI) órgão que estava se transformando numa grande empresa dentro da Funai, captando a renda dos projetos de soja, trigo e outros? Na ocasião, o general disse claramente que dali para a frente a Funai estaria mais preocupada com o desenvolvimento sócio-econômico das comunidades tribais mais aculturadas, deixando de lado o espírito puramente empresarial que imperava no DGPI, em cujos projetos o índio era aproveitado como mão-de-obra barata.

PERPLEXIDADE

Por isso, foi com grande perplexidade que os indigenistas receberam a notícia de que será dado grande impulso novamente aos projetos econômicos, cujos lucros passarão a ser administrados por um Fundo de Reaproveitamento da Renda Indígena. Estruturado com a colaboração da Secretaria de Organização e Sistema, do Ministério do Interior, este Fundo, na verdade, não cumpriria as mesmas funções do criticado DGPI?

O general, depois de anunciar a nova orientação, garantiu que a Funai não vai transformar-se numa grande empresa mas, que, por outro lado, não pode continuar adotando, junto às comunidades já em contato há mais tempo com o branco, uma "atitude paternalista". No entanto, até nessa afirmação aparece uma grande contradição, configurada pelo exemplo dos índios gaviões. Este grupo, apoiado pela antropóloga Iara Ferraz, da Universidade de São Paulo, assumiu inteiramente a responsabilidade pela condução do projeto, livrando-se da necessidade de qualquer paternalismo da delegacia da Funai em Belém, que até então absorvia toda a renda obtida com a comercialização da castanha. Os índios, a partir do ano passado, estão vendendo eles mesmos, o produto, depositando o dinheiro num banco de Marabá. A delegacia de Belém e o diretor do DGO nunca se conformaram com a atitude dos gaviões e Iara foi afastada do projeto por "indisciplina", acusada de incitar os índios contra a Funai. Embora tenha inicialmente apoiado o trabalho da antropóloga, o presidente da Funai acabou concordando com a decisão de seu afastamento, determinada pelo DGO.

A figura do general Ismarth foi preservada, até agora, e apoiada por antropólogos e sertanistas como Cláudio e Orlando Villas Boas. A corrente partidária da rápida integração do índio, que vê como alternativa para a Funai a sua transfor-

mação num dinâmico órgão encarregado de programas voltados para o desenvolvimento regional, nos moldes de outros órgãos do Ministério do Interior, como a Sudam e a Sudeco, parecia ter no presidente da Funai um franco opositor.

PREOCUPAÇÃO

Os indigenistas, de um modo geral, consideram de fundamental importância a permanência de Ismarth à frente do órgão, pois temem

que para substituí-lo seja nomeado alguém sem qualquer motivação pela causa indígena, como o ex-dirigente da Sudeco que, no início da administração do ministro Rangel Reis, ao sobreviver ao Parque Nacional do Xingu, onde os índios ainda vivem num estágio bastante primitivo, deixou escapar uma frase lapidar: "Se deixarem por minha conta, em menos de um ano transformarei estes índios nos melhores vaqueiros do Brasil Central".

É esta a grande preocupação manifestada agora pelos indigenistas, inclusive por Orlando Villas Boas, cuja experiência de 30 anos no Xingu é vista com reservas pelo próprio ministro do Interior, exatamente por não ter acelerado o processo de integração do índio. É certo que pouquíssimas comunidades podem se integrar em condições de igualdade com o civilizado. A maioria, a despeito de projetos econômicos feitos nos gabinetes, serão no máximo

"vaqueiros do Brasil Central", como queria o técnico da Sudeco. Isto porque não é só o aspecto econômico que garantirá ao índio competir em condições de igualdade com o branco, mas principalmente o seu preparo psicológico e a compreensão gradativa de um mundo que ele desconhece e que até agora o discriminou.

É por este motivo que a tranquilidade com que o general Ismarth anunciou a

volta dos projetos econômicos e os primeiros resultados do grupo de trabalho nomeado pelo ministro do Interior para reestruturar a Funai causou grande pessimismo nos meios indigenistas.

Antes de qualquer transformação nas suas diretrizes de trabalho, é necessário que a Funai resolva as suas contradições internas. Que seja explicada essa força estranha exercida por Francélio van der

Broocke e outros assessores do general que pareciam conspirar abertamente contra as boas intenções anunciadas por Ismarth.

Ao anunciar as modificações, na verdade, o general deixou ainda mais confusos os indigenistas quanto ao futuro da Funai.

Político hábil, o general sempre concordou em abrir um diálogo franco com a imprensa, pedindo sempre "um pouco mais de paciência", sob a alegação de que

seus problemas com a corrente partidária da rápida integração do índio seriam resolvidos a contento. O crédito foi dado, mas agora, com os últimos fatos, envolvendo o afastamento de antropólogos e sertanistas, e a permanência na Funai de elementos dos quais o general parece discordar e, agora, o nítido espírito empresarial que ameaça ressurgir na Funai, surge a pergunta: até onde os tecnocratas conseguirão impor seus pontos de vista.